

Psicologia I

De 27/10 a 30/10 acontece a 45ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia — Congregar faz a diferença. O evento será realizado na FA-FICH-UFMG, em Belo Horizonte (MG). Mais informações no site www.ra.sbponline.org.br, pelo e-mail sbp@sbponline.org.br e pelo telefone (16) 3625-9366.

Psicologia II

O XV Encontro Paranaense de Psicologia — Direitos Humanos, Ética e as Inovações Tecnológicas na Prática de Psicologia será de 21 a 24 de outubro em Londrina (PR). Mais informações e inscrições no site www.epp.org.br.

Inclusão

A CIE-Consultoria de Inclusão Escolar promove, dia 8 de agosto, das 8h às 18h, a I Jornada Educação. Local: Estrada dos Três Rios, 1.173, Auditório (andar G3), Freguesia-Jacarepaguá (RJ). Informações e inscrições pelo site www.consultoria-deinclusao.com, pelo e-mail consultoria-deinclusao@gmail.com e pelos telefones (21) 3588-9961, (21) 98521-8460 (Whats App).

Artes

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) está com matrículas abertas para variados cursos e workshops. Mais informações pelo site www.eavparquelage.rj.gov.br.

Uerj abre as portas para as crianças da comunidade**Colônia de Férias integra Universidade e população**

Larissa Ramalho

A Colônia de Férias da Uerj, promovida duas vezes ao ano pelo Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD), acontecerá entre os dias 27 de julho e 1º de agosto, das 9h ao meio dia. Além de oferecer atividades socioculturais, esportivas e recreativas, a cada edição é realizada uma palestra educativa com a participação dos pais. Essas palestras já abordaram temas como bullying, violência e primeiros socorros. Este ano, o bate papo será sobre sexualidade. As vagas são limitadas e oferecidas às crianças de 7 a 11 anos das comunidades externa e interna da Universidade. Para se inscrever, é necessário a apresentação de atestado médico, comprovante de idade e foto 3x4.

Segundo Renato Landin, coordenador da colônia, o objetivo principal do projeto é integrar a população do entorno da Uerj. “Temos que tornar esta Universidade clara para a população, aproximá-la da comunidade, tirar essas crianças da rua e da frente do computador”, afirma ele. As turmas, divididas por faixa etária, são orientadas por três coordenadores,

dez estagiários fixos e voluntários. O IEFD também conta com a parceria de diversos cursos para realizar o evento, como Serviço Social, Enfermagem e Psicologia. O resultado é um programa que atende uma população infantil diversa, com crianças vindas de abrigos, como o Ayrton Senna e Castelo do Rei, da Favela do Metrô e filhos de funcionários da Universidade.

Para Landin, é de extrema importância que o projeto esteja no Calendário Permanente da Universidade, para continuar oferecendo uma alternativa de aprendizado e diversão às crianças da comunidade. “Não há, em todo o Brasil, nenhuma colônia com a visão da nossa”, diz, orgulhoso. Não é para menos: além de colocar em prática o que os alunos da Universidade aprendem, são disponibilizados diversos serviços para as crianças participantes, como avaliação médica e postural. No fim, o que fica é a saudade: “Todas choram, querem voltar no ano seguinte; é uma alegria poder fazer parte de uma iniciativa tão bacana e com tanta integração como a Colônia”, comemora ele.

Expediente

Reitor: Ricardo Vieiralves - **Vice-reitor:** Paulo Roberto Volpato - **Diretor do CEH:** Glauber Lemos - **Diretor da FCS:** Fernando do Nascimento Gonçalves - **Vice-diretor da FCS:** Erick Felinto de Oliveira - **Chefe do Departamento de Jornalismo:** João Pedro Dias Vieira - **Coordenador do LED:** João Pedro Dias Vieira - **Editores:** Ana Cristina Lima - **Sub-editor:** Robson Carlos - **Reportagem:** alunos FCS/LED (Bruno Dantas, Larissa Ramalho, Luiza Miceli e Vinicius Monteiro) **Projeto Gráfico:** Rita Alcantara - **Diagramação e Informática:** Acácio Marinho - **Tiragem:** 1500 exemplares - **Impressão:** Gráfica Uerj - **Distribuição:** Secretária do CEH - **E-mail:** led@uerj.br e ceh@uerj.br - **Endereço para correspondência:** Rua São Francisco Xavier, 524, 10º andar, bloco C, sala10014 - **CEP:** 20550-900 - **Homepage:** <http://www.ceh.uerj.br>

O boletim ACONTECEH é produzido no LED pelos alunos da FCS e tem o apoio do FAPERJ (Proatec) e InovUerj.



Aconteceh

INFORMATIVO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES – CEH / ANO XIV / Nº 44 / JUL/AGO/SET 2015

Refugiados fazem aulas de português na Uerj

Duas vezes por semana, emigrados aprendem português em um curso que visa a maior integração na acolhida dessas pessoas ao país

Bruno Dantas

A entidade Cáritas Brasileira em convênio com a Uerj oferece um curso de português desde março para mais de duzentos refugiados. Naturais principalmente do Congo, da Síria e do Afeganistão, eles deixaram seus países fugindo da guerra, da fome, das doenças e do fanatismo e também buscando uma vida mais digna no Brasil. O curso, que já é oferecido há dez anos, passou dos corredores da própria instituição para a Paróquia do Divino Espírito Santo e São João Batista, e há um ano surgiu a parceria com a Uerj. As aulas acontecem nas salas do 10º andar desde março, e o material de ensino está sendo pensado ao longo de todo esse tempo em conjunto, visando um material sólido e de livre distribuição a ser registrado na Biblioteca Nacional.

De acordo com a monitora pedagógica da Cáritas RJ, Dominique Sendra, os refugiados “chegam através de indicações de amigos, de outros refugiados e da Polícia Federal. Quando desembarcam aqui, eles têm os pedidos avaliados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), sendo que aqueles que chegam em uma condição muito carente recebem uma bolsa de até quinhentos reais”. Uma cultura de compartilhamento muito forte permeia a vida dessas pessoas no Brasil, dividindo moradias e outros bens. Empregos na construção civil, vendas como



camelôs no centro da cidade e cursos técnicos no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) garantem a renda de muitos dos refugiados.

Uma das motivações da parceria com a Uerj foi o aumento da demanda pelo curso. Atualmente, a doutora em linguística Poliana Coeli, professora do Instituto de Letras (IL) da Uerj, é uma das principais responsáveis por pensar a estrutura das aulas. São duas por semana, terças e quintas-feiras, com duração de uma hora e meia. O ensino é instrumental e temático, buscando a compreensão do que é ensinado, sem ser necessário o comparecimento em todas as lições. Existem turmas para falantes nativos do inglês e do francês.

A cada quinze dias, segundo Dominique, “são realizadas reuniões para pensarmos as aulas, o método que é utilizado, a fim de estarmos sempre entregando o melhor possível”. O curso tem duração média de oito meses, com o objetivo de promover uma maior integração dessas pessoas, em tão

frágil situação, à realidade de estar em um novo país, totalmente diferente dos de suas origens. Mas não significa que todos que ingressam se mantêm nele até o final, “muitos quando começam a trabalhar param de vir às aulas, o que é completamente compreensivo”, continua a coordenadora pedagógica. “Nosso objetivo é esse, integrá-los, para que sejam capazes de arrumarem um emprego, terem uma vida normal, como não puderam ter de onde vieram”, finaliza.

Nos últimos cinco anos, o número de pedidos de refúgio no Brasil aumentou mais de 800%, e instituições como a Cáritas Brasileira, com apoio financeiro da ONU e do Ministério da Justiça, ajuda a realizar programas de acolhimento. As aulas, que começaram com refugiados ensinando outros refugiados mais novos no país, cresceram e evoluíram com o passar dos anos, até chegar à parceria com a Uerj. A iniciativa tem potencial para acolher mais pessoas e de maneira melhor, além de fazer da Universidade um espaço ainda mais transparente e de integração.

Projetos em andamento se transformarão em documentários e livros

Vinícius Monteiro

O Laboratório de Jornalismo e História (LJH) da Faculdade de Comunicação Social (FCS) da Uerj, inaugurado em 2014, divide os seus projetos em três áreas: jornalismo de cidade, jornalismo esportivo e jornalismo político. O espaço é coordenado pelo professor Fábio Mario Iorio, que conta com o auxílio de uma pequena equipe de bolsistas.

A pesquisa de jornalismo político busca entender como os momentos políticos, desde a década de 30 — passando pelo governo de Getúlio Vargas, a ditadura militar e a posterior redemocratização — se relacionam com a mídia. “Hoje, apesar de os jornalistas não sofrerem uma censura imposta pelo Estado, acabam sofrendo uma censura econômica. Apenas os grandes veículos conseguem sobreviver”, acrescenta Fábio Iorio. Além de explorar o papel da mídia ao longo dos anos, o projeto debate a história do trabalho e os acontecimentos que o marcaram, como a criação das leis trabalhistas, a pressão pelo sufrágio universal e outros importantes momentos na luta dos cidadãos brasileiros pelos seus direitos universais.

Buscando contar a história dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, a pesquisa de jornalismo de cidade tem como foco inicial Vila Isabel e os bairros da Zona Central, como o Centro, a Gamboa e Saúde. O trabalho será estruturado tendo como suporte músicas, poesias, crô-

nicas e depoimentos orais. “Sobre Vila Isabel buscamos realçar a escola de samba Unidos de Vila Isabel, a força do futebol de salão, a tradição abolicionista da região, as canções de Noel Rosa sobre o bairro,

Foto: -----



de Jornalismo Esportivo, ministrada pelo próprio professor Fábio Iorio. O projeto consiste em depoimentos gravados com personalidades do futebol, como narradores e comentaristas, além dos próprios jogadores e dirigentes. “Até o momento já gravamos em torno de trinta depoimentos”, acrescenta o professor. Segundo ele, também há um espaço sobre os clubes cariocas, inicialmente focando em Flamengo, Madureira, Tijuca e Clube Naval, dando visibilidade, assim, a clubes com diversos níveis de projeção: respectivamente, um da primeira divisão do futebol brasileiro, um baseado no subúrbio do Rio de Janeiro, um

entre outros aspectos característicos”, comenta o coordenador do laboratório, que deseja expandir a pesquisa para outros bairros da cidade. A linha de jornalismo esportivo dialoga com a disciplina eletiva

de bairro e um associado às forças militares.

O laboratório ainda não conta com bolsistas da graduação da FCS, mas Iorio afirma que agregar alunos da faculdade é um de seus desejos, assim como a busca por mais verbas, que permitiriam a expansão do laboratório e de seus respectivos projetos. Cada das pesquisas possui seus apoiadores específicos e tem como objetivo a produção de um documentário e um livro, ambos sem a intenção de comercialização, tendo como finalidade, essencialmente, a divulgação do trabalho.

Completando um ano, país tem dificuldades em cumprir suas metas

Luíza Miceli

No dia 25 de junho de 2014, foi sancionado pela presidente Dilma Rousseff o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pelo Congresso Nacional sem vetos após mais de três anos em trâmite. Ele estabelece 20 metas para a educação, incluindo os setores infantis até a pós-graduação, e devem ser cumpridos até 2024.

Segundo a doutora Inês Barbosa de Oliveira, professora da Faculdade de Educação (EDU) da Uerj, “o PNE tem importantes metas de ampliação, visando à universalização da escolarização básica para todos (metas 1 a 4), e de atendimento a demandas pela escola de tempo integral (meta 6). A formulação do PNE não assegura a autonomia profissional e o respeito às especificidades dos públicos e das possibilidades de ação docente, entre outros problemas. Mescla metas legítimas e importantes com metas questionáveis, como o foco na melhoria do Ideb na meta 7 ou a gestão democrática que está formulada de modo meritocrático. É um documento de espírito contraditório, que oscila entre metas que entendemos como positivas e outras que podem pôr a perder as primeiras”.

Completando um ano de vigência, os deveres e estratégias intermediários de cada estado e município deviam ser elaborados e cumpridos para adequa-

ção às diretrizes do PNE até este prazo, para que as metas finais pudessem ser alcançadas. Mas, apenas 11 dos 26 estados brasileiros cumpriram as estratégias dentro do tempo determinado e, entre os municípios, me-

nos de quatro mil dos quase seis mil conseguiram, confirmando a expectativa de que o objetivo não seria alcançado. Para Inês, um prazo maior é necessário:

— Prorrogações e correções de rumo fazem parte de qualquer plano ou projeto e, provavelmente, o PNE vai requerer algumas. As questões relacionadas aos contextos locais podem se articular sem maiores dificuldades em torno das metas que considero as principais: a universalização do atendimento, considerando-se o acesso e a permanência, a valorização docente e a ampliação dos investimentos.

Segundo a doutora, o PNE só poderá ser eficaz se os setores governamentais combinarem suas ações para a ampliação dos investimentos na educação: “A questão da valorização docente, da melhoria salarial e da formação do educador completo está em risco, tanto em função de problemas financeiros quanto



em virtude de uma virada tecnicista que desqualifica o docente como responsável pelo seu trabalho e suas escolhas na abordagem da função”.

Em uma das críticas da Campanha Nacional pelo Direito à Educação feita ao PNE, Daniel Cara, coordenador geral do movimento, disse em seu blog que a sociedade brasileira deve exigir o cumprimento do plano e das metas. Inês acredita que o principal modo de intervenção da sociedade para viabilizar as metas poderia ser a luta por mais investimentos na educação, não só numa visão empresarial e economicista, mas por parte de todos.

“É preciso pensar para além do ensino, na formação de cidadãos envolvidos e comprometidos com o bem-estar social universalizado, capazes de atitudes de valor social, de respeito à pluralidade do mundo e à igualdade de direitos”, diz ela.